

A FORMAÇÃO LITÚRGICA NO CONTEXTO DA *DESIDERIO DESIDERAVI*

Alisson Oliveira Matos¹

RESUMO

O Papa Francisco presenteou a Igreja com a publicação da Carta Apostólica *Desiderio Desideravi*, em 29 de junho de 2022, sobre a formação litúrgica dos fiéis. O presente artigo busca refletir a importância de uma formação litúrgica autêntica, passando pelo Concílio Vaticano II que favoreceu e incentivou a participação dos fiéis leigos na celebração; por uma formação pela e para a liturgia; a formação mistagógica que ajuda na arte de celebrar. Nossa reflexão não teve por finalidade esgotar o vasto tesouro da Celebração do Mistério Pascal de Cristo, mas de assegurar uma verdadeira contribuição sobre formação litúrgica a todos os participantes da Sagrada Liturgia – bispos, padres, diáconos religiosos, leigos e leigas.

PALVRAS-CHAVE: *Desiderio Desideravi*. Formação Litúrgica. Mistério Pascal.

ABSTRACT

Pope Francis presented the Church with the publication of the Apostolic Letter *Desiderio Desideravi*, on June 29, 2022, on the liturgical formation of the faithful. This article seeks to reflect on the importance of an authentic liturgical formation, passing through the Second Vatican Council that favored and encouraged the participation of the lay faithful in the celebration; for a formation by and for the liturgy; mystagogical formation that helps in the art of celebrating. Our reflection was not intended to exhaust the vast treasure of the Celebration of the Paschal Mystery of Christ, but to ensure a true contribution on liturgical formation to all the participants in the Sacred Liturgy – bishops, priests, religious deacons, lay men and women.

KEYWORDS: *Desiderio Desideravi*. Liturgical Formation. Paschal Mystery.

¹ Licenciado em filosofia, pelo Instituto Católico de Estudos Superiores do Piauí-ICESPI e acadêmico do Curso de Bacharelado em Teologia, no mesmo Instituto.

INTRODUÇÃO

O Papa Francisco presenteou a Igreja com a publicação da Carta Apostólica *Desiderio Desideravi*, em 29 de junho de 2022, sobre a formação litúrgica dos fiéis. Desse modo, coloca no centro elementos essenciais da Liturgia, tendo em consideração as características próprias do seu ministério. Vale recordar que em outro momento, Francisco, já tinha publicado uma Carta Apostólica sob forma de Motu Próprio, a *Traditionis custodes*, sobre o uso da Liturgia Romana antes da reforma do Concílio Vaticano II traz novas disposições sobre o uso da forma extraordinária do Rito Romano, a serem respeitadas pelos padres que presidem este rito. A *Desiderio Desideravi* e *Traditionis custodes* estão na mesma linha, em clara continuidade e são textos que devem ser lidos como complementares.

Por meio da *Desiderio Desideravi*, o Romano Pontífice, nos convida a refletir sobre a formação litúrgica de todo o Povo de Deus, a começar pelos Bispos, presbíteros, diáconos, consagrados e consagradas e os cristãos leigos e leigas. E não se refere somente aos leigos, porém, os temas pontuados pelo Papa são de interesse de todos os batizados na Igreja, ministro ordenado ou não. Pois uma boa formação litúrgica é essencial para que todos possam viver e celebrar melhor o Mistério Pascal de Cristo.

No início da *Desiderio Desideravi*, a sagrada liturgia é entendida como um convite, direcionado a todos os fiéis, para que experimentem a redenção humana. A carta tem seu título conectado com o convite do Papa Francisco “tenho desejado ardentemente comer convosco esta ceia, antes de padecer” (Lc 22,15). O Papa não indica regras, rubricas, mas aborda na carta reflexões teológicas da liturgia. Ao discorrer o texto do documento, são apresentados alguns conceitos comuns a Francisco, por exemplo, lugar de encontro, a misericórdia, o cuidado com a casa comum e etc. Francisco utiliza muitas referências de Padres da Igreja, os próprios textos litúrgicos e, de forma bem contundente, a Romano Guardini que foi um dos grandes percussores do Movimento Litúrgico, impulso para a reforma litúrgica.

Nesse sentido, o presente artigo busca refletir a importância de uma formação litúrgica autêntica, passando pelo Concílio Vaticano II que favoreceu e incentivou a participação dos fiéis leigos na celebração; por uma formação pela e para a liturgia; a formação mistagógica que ajuda na arte de celebrar. A metodologia do trabalho será documental e bibliográfica tendo como referência a própria Carta apostólica *Desiderio Desideravi* (DD), a *Sacrosanctum Concilium* (SC), autores contemporâneos que colaborarão com a nossa reflexão.

1. O CONCÍLIO VATICANO II E A REFORMA LITÚRGICA

Para uma melhor compreensão do objetivo deste artigo, precisamos voltar às fontes do Concílio Vaticano II e as suas inspirações acerca da liturgia. O fato de olhar para si mesma e sobre ser no mundo, a Igreja intensificou sua reflexão e reforma na Liturgia, através da Constituição Apostólica *Sacrossanctum Concilium*. Essa Constituição, inspirada e iluminada à Luz do Espírito Santo, trouxe aos cristãos riquíssima fonte de vida, para fortificar a fé e a participação na transformação do mundo.

Por ter seu aspecto pastoral, o Concílio incentivou práticas e tendências litúrgicas que já estavam presente na Igreja. Nesse sentido, a reforma litúrgica era uma necessidade primordial naquele contexto. A Igreja chamada a ser fiel a Cristo e sentindo-se convocada a anunciar o Reino de Deus aos povos, redescobriu o espírito da liturgia por meio da participação ativa e consciente dos fiéis e a valorização dos diversos ministérios presentes na Igreja.

Para assegurar esta eficácia plena, é necessário, porém, que os fiéis celebrem a Liturgia com retidão de espírito, unam a sua mente às palavras que pronunciam, cooperem com a graça de Deus, não aconteça de a receberam em vão. Por conseguinte, devem os pastores de almas vigiar por que não só se observem, na ação litúrgica, as leis que regulam a celebração válida e lícita, mas que os fiéis participem nela consciente, ativa e frutuosamente (SC. n 11).]

Mas para não ser somente uma participação eficiente, a reforma litúrgica foi precedida pelo Movimento litúrgico. Os católicos queriam uma liturgia mais simples, inculturada à realidade do povo e que fosse de fácil compreensão. O Movimento litúrgico primeiramente não foi visto, aos poucos foi sendo aceito por alguns grupos e, só depois, foi motivado pela Igreja, tornou-se movimento de reforma do Concílio Vaticano II e gerou frutos para a Igreja Universal. Segundo Romano Guardini, “o movimento litúrgico não é uma arranjo artificial, mas brota do desejo que despertou em toda parte por um modo de vida plenamente cristão e católico” (Guardini, p. 52). Tal movimento litúrgico tinha como objetivo: fazer da liturgia o alimento da vida cristã; e responder à pergunta: “o que é liturgia enquanto teologia da celebração do Mistério Pascal de Cristo?”.

Nesse sentido, o Movimento Litúrgico não se limitou a apenas uma reforma de rubricas e a tradução dos livros litúrgicos para a língua vernácula, porém, tinha como finalidade de ressignificar a teologia litúrgica e introduzi-la na pastoral. A reforma litúrgica

proposta pelo Concílio Vaticano II não foi a busca do novo por si mesmo, mas consistiu em recuperar a riqueza litúrgica e uma série de valores que foram deixados no esquecimento de sua história. Deste modo, a reforma litúrgica caracterizou-se como resgate da centralidade do Mistério Pascal de Cristo.

A formação litúrgica não é recente na história da Igreja. Desde os primórdios, a Igreja interessou-se em iniciar os fieis nos mistérios celebrados. Por exemplo, os catecúmenos são um exemplo claro de como as primeiras comunidades cristãs iniciavam os fiéis na via litúrgica, como lemos nos Atos dos Apóstolos “perseveraram eles na doutrina dos apóstolos, na reunião em comum, na fração do pão e nas orações [...]. unidos de oração, frequentavam todos os dias o templo.” (At 2, 42.46).

Na contemporaneidade, mais do que antes, perante os mais novos e desafiantes contextos presentes em nossa sociedade, quer culturais, políticos e até religiosos é fundamental uma formação litúrgica em que a comunidade reassuma o sentido de celebrar bem, integralmente e com toda dignidade de significado, o Mistério Pascal de Cristo. Para que isso aconteça é preciso uma iniciação séria à vida litúrgica.

1.1 *Sacrossanctum Concilium* e a reforma (renovação) litúrgica

A reforma litúrgica que emergiu com o Vaticano II é considerada uma das maiores e impressionantes reformas da Igreja. Nos primeiros números da Constituição Apostólica *Sacrossanctum Concilium*, o papa Paulo VI assegura que o Vaticano II “propõe a fomentação cada vez mais entre os fieis a vida cristã; favorecer tudo o que possa contribuir para a união de todos aqueles que creem em Jesus Cristo; fortalecer tudo o que possa atrair todas as pessoas ao seio da Igreja” (SC, n.1-2). Com essas motivações, o pontífice, motiva a necessidade de reforma e incremento da Liturgia, para o bem da santa Igreja e de todos os seus fiéis.

A participação dos fiéis na Sagrada Liturgia já havia sido abordada pelo Papa Pio XII, na carta encíclica *Mediator Dei*, que: “todos os fiéis tenham por seu dever principal e suma dignidade participar do santo sacrifício, não com assistência passiva, negligente e distraída, mas com tal empenho e fervor que os ponha em contato íntimo como o sumo sacerdote” (MD, n. 73). Com os conceitos teológicos- pastorais favorecidos pelo Movimento Litúrgico, a *Sacrosanctum Concilium* mantém esses princípios em respeito à tradição litúrgica.

A base da Constituição não é uma Teologia especulativa em relação à natureza da Liturgia, contudo, uma reflexão sobre o conteúdo da ação celebrativa a partir da Tradição

Patrístico-Litúrgica, repensada pelo Movimento Litúrgico, daí se retira a natureza do Mistério de Cristo. Destarte, a Teologia que contém na Constituição desenvolve a doutrina do Mistério litúrgico e da sua celebração. O Mistério litúrgico está intrinsicamente ligado ao Mistério Pascal e a História da Salvação, introduzindo a Liturgia no Mistério da Igreja, em que se realiza a nossa redenção (SC, n.2).

Cada fiel é chamado a oferecer sua vida como sacrifício de louvor. Não somente os sacerdotes, mas ainda todos os fiéis oferecem as suas vidas como oblação. São Roberto Berlarmino reforça isto: “O sacrifício é oferecido principalmente na pessoa de Cristo. Por isso a oblação que se à consagração atesta que toda a Igreja consente na oblação feita por Cristo e oferece juntamente com ele” (De Missa, I. cap. 27). É no Mistério Pascal de Cristo, na ação litúrgica, que desponta a vida da Igreja e de cada Cristão. Principalmente, a Eucaristia, abrange todo o bem espiritual da Igreja, ou seja, o próprio Cristo. (Rodrigues, 2017, p.153)

Como sinal visível do Concílio Vaticano II é uma comunidade renovada, que entoia louvores ao seu Senhor, que tem compreensão dos mistérios de Deus que tocam a realidade humana pelos sinais da liturgia. A liturgia é vida para todo o povo da Igreja: do povo, para o povo. Segundo os cadernos do Concilio (CNBB, 2018, p. 12):

a Liturgia, por sua natureza é uma questão eclesial, e não pode ser celebrada individualisticamente: no seu DNA há um caráter comunitário. O termo “liturgia”, de fato, tem sua raiz no termo grego *laós*, que significa povo. Por sua conotação ontológica e estruturalmente uma ação de coro, é agir do povo de Deus, cuja vida nasce de um ato litúrgico, o Batismo.

A *Sacrosanctum Concilium* ajudou a Igreja a redescobrir o sentido teológico, litúrgico e a participação plena da assembleia celebrante. O Concílio Vaticano II traçou normas pastorais a respeito da formação litúrgica do clero. A formação litúrgica do clero é um desafio a ser superado. O Papa Francisco, na Semana Litúrgica Nacional Italiana, exortou aos presentes: “Não basta a reforma dos livros litúrgicos para renovar a mentalidade (...), a educação litúrgica de Pastores e fieis é um desafio a ser enfrentado sempre de novo.

Portanto, notamos que a Igreja deseja que seus fiéis e Pastores vivessem a liturgia de modo consciente, ativa e frutuosa fazendo que tenha uma eficácia plena. Dito algumas propostas e concepções do Concílio Vaticano II, sobre a Santa Liturgia, inferimos que houve progresso na participação e formação litúrgica, ainda assim, muito centralizada no clero e em algumas pessoas do grupo de liturgia. A partir daqui, queremos entender em que contexto foi elaborada a Carta Apostólica *Desiderio Desideravi*, e elencar alguns pontos sobre a Formação Litúrgica apoiados pelo Papa Francisco.

2. A PERSPECTIVA DA *DESIDERIO DESIDERAVI*

Nas primeiras linhas da *Desiderio Desideravi*, o Papa Francisco reitera que o tema a ser explicitado é: “sobre a Liturgia, dimensão fundamental para a vida da Igreja” (DD,1). Em seguida, o Pontífice, explica o motivo de escolher “*Desiderio Desideravi*” a partir do escrito evangélico Lc 22,15: “desejei ardentemente comer esta páscoa convosco antes de sofrer”. Com essa base bíblica o Papa nos oferece uma teologia eucarística, com elementos escatológicos e missionários, que corroboram a última ceia como antecipação ritual da morte de Jesus. Nesse sentido, reforça o desejo de Jesus que se prolonga na celebração cristã, até que Ele retorne “fazei isto em memória de mim” (1Cor 11,24).

Francisco nos faz recordar que a liturgia é o hoje da história da Salvação. Entretanto, para aprofundarmos ao grande mistério, precisamos ser introduzidos, pois se não formos, seremos apenas “plateia” que simplesmente assistem a ação litúrgica. Ao ser consonante com a ministerialidade da Igreja, segundo a *Lumen gentium*, o Papa Francisco, remete sua carta “aos bispos, presbíteros, diáconos, consagrados e leigos.” Isso para dizer que a vida litúrgica da Igreja é de responsabilidade de todos os seus membros, reforçando assim o espírito do Concílio Vaticano II, até porque não foi alcançado e redescoberto, objetivando o proveito do Povo de Deus (LG, n.1)

Embora, a carta apostólica trate de reflexões litúrgicas, seja estruturado e tenha força do pontificado ela não traz uma linguagem técnica e teológica incompreensível, pois se assim fosse estaria prejudicando a finalidade do documento papal: a formação litúrgica acessível ao povo de Deus, para além dos círculos acadêmicos e dos congressos teológicos. Por isso, Francisco, escreve de maneira quase que coloquial e aprazível à maioria das pessoas.

O tema é muito vasto e merece uma consideração atenta em todos os seus aspectos: todavia, com este escrito não pretendo tratar a questão de modo exaustivo. Quero simplesmente, oferecer alguns pontos de reflexão para contemplar a beleza e a verdade do celebrar cristão (DD, n.1).

Desiderio Desideravi mesmo com estilo simples, reporta-se aos principais pontos teológicos sobre a reforma da liturgia iniciada antes do Concílio Vaticano II, por Pio XII, alicerçado no Movimento Litúrgico. Grandes referências são citadas pelo Papa Francisco, de Leão Magno, passando por Santo Agostinho e Santo Irineu, chegando a Romano Guardini. Além dos pensadores citados, o pontífice retoma frequentemente a *Sacrosanctum Concilium*

para respaldar suas ideias, pois acentua a redescoberta da compreensão teológica do Concílio Vaticano II e pelo Movimento Litúrgico.

A questão da formação litúrgica, presente na carta, o Papa deixa claro que não pode se deter na riqueza de cada expressão, e deixa para a meditação dos leitores. Para compreender bem o que está em jogo na questão litúrgica é preciso recordar que a Liturgia é “simultaneamente a meta para a qual se encaminha a ação da Igreja e a fonte de onde promana toda a sua força” (SC, n.10).

2.1 A formação para a liturgia e pela liturgia

A formação para a Liturgia nos coloca diante de uma dificuldade para a iniciação à vida litúrgica que é a incapacidade de compreender a linguagem simbólica. Para Guardini (2023, p.73), “o ser humano está na liturgia como quem cria e contempla símbolos”; e “a primeira tarefa da formação litúrgica é que o ser humano deve voltar a ser capaz de símbolos” (Guardini, 2023, p. 74). Nesse viés, a formação litúrgica nos coloca diante da pessoa que deseja compreender e adentrar melhor no que está sendo experienciado, posto isto, a formação inevitavelmente deve ser pela Liturgia, uma vez que ela é a experiência com o próprio Deus.

A realidade contemporânea marca a realidade com o indiferentismo religioso, gnosticismo, neopelagianismo e um espiritualismo abstrato, isto é, contradizendo a própria natureza humana. Nesse sentido, Francisco afirma: “o ser humano moderno tornou-se um analfabeto diante da linguagem simbólica” (DD, n. 44). Mas o que é este símbolo ou linguagem simbólica? A *Desiderio Desideravi* declara que “não consiste em remeter a um conceito abstrato, mas em conter e exprimir na sua concreção aquilo que significa.”

Na etimologia da palavra símbolo, na língua grega “*symbolon*”, significa a metade de um objeto partido que se apresenta como sinal de identificação. (CIC, n. 1147). Também pode significar resumo, síntese, sumário ou coleção. Temos como exemplo, o “Símbolo da fé” nele está contido o resumo das verdades de fé, por ele se identificam os cristãos e sua comunhão entre si. Na história da Salvação, no Antigo e Novo Testamento, Deus utilizou-se de sinais e símbolos, principalmente elementos da natureza, por exemplo, a nuvem (Deus se comunica com o povo); o óleo (que consagra os reis), para manifestar a sua Salvação ao seu povo. O Catecismo da Igreja Católica diz no parágrafo 1147:

Deus fala ao homem através da criação visível. O cosmo material apresenta-se à inteligência do homem para que leia nele os traços de seu Criador. A luz

e a noite, o vento e o fogo, a água e a terra, a árvore e os frutos, tudo fala de Deus e simboliza, ao mesmo tempo, a sua grandeza e a sua proximidade.

Não obstante, a Liturgia se serve de sinais e símbolos, especialmente, na celebração dos sacramentos para manifestar a graça invisível de Deus em gesto concreto e humano. Os sinais e símbolos tem a primazia na vida do ser humano, pois, sendo um ser corporal e espiritual, concebe e expressa às realidades espirituais, por meio de sinais e símbolos exteriores. Diante disso podemos reafirmar como a *Sacrosanctum Concilium*, na liturgia o mistério se deixa encontrar nos “sinais sensíveis” (SC, n.7)

Em vista disso, o Papa Francisco, insiste na formação litúrgica para e pela liturgia. Deixar-se formar pela liturgia envolve, em primeiro lugar, a união entre corpo e alma, interior e exterior. O formar-se para a liturgia tem caráter mais funcional, prático, isto é, para realização da celebração segundo as prescrições litúrgicas. Já a formação pela liturgia é essencial, pois, o próprio Cristo age e se forma em nós.

Certamente, a vivência litúrgica vem perdendo o sentido da participação ativa, plena e consciente dos fiéis, pois, o sentido de experiência está esvaziado. É preciso deixar ser tocado pelos símbolos e gestos, o rito e ritualidade, que vai nos introduzindo na experiência com o Mistério. Ainda assim, é fundamental aprofundar o que é experienciado na liturgia para que tenha importância e sentido.

O conhecimento que vem do estudo é só o primeiro passo para poder entrar no mistério celebrado. É evidente que para poder guiar os irmãos e irmãs, os ministros que presidem à assembleia devem conhecer o caminho, quer porque o estudaram no mapa da ciência teológica quer porque o frequentaram na prática de uma experiência de fé viva, alimentada pela oração e não certamente apenas como obrigação a satisfazer (DD, n.36).

Retomando as inspirações da *Sacrosanctum Concilium*, Francisco, considera que os ministros ordenados é quem deverão executar uma sólida formação litúrgica aos seus fiéis, não de forma meramente teórica, porém com a experiência de encontro com Deus que se realiza na liturgia. Nesse sentido, a *Desiderio Desideravi* reforça ainda sobre a expressão “formação litúrgica”:

Refiro-me ao ser formados, cada qual segundo a sua vocação, pela participação na celebração litúrgica. Mesmo o conhecimento do estudo de que acabei de falar, para que não se torne racionalismo, deve estar em função do realizar-se da ação formadora da Liturgia em cada crente em Cristo (DD, n.40).

Dessa maneira, o Papa Francisco, nos interpela ao cuidado com o racionalismo que é vivido no meio “seminarístico” e clerical, nos estudos teológicos que apenas reproduzem o que aprenderam nos livros e, em algumas situações, meramente ideias pessoais que não condizem com ação litúrgico-comunitária da Igreja. Francisco insiste que “a plenitude da nossa formação é a conformação a Cristo;” (DD2, n. 41), isto é, a Liturgia que celebramos tem por finalidade a aproximação dos mistérios de Cristo. E São Leão Magno nos ajuda a compreender isso: “a nossa participação no Corpo e no Sangue de Cristo não tem outro fim a não ser transformar-nos naquilo que recebemos”. (Leão Magno, *Sermão XII: Sobre a Paixão* III, 7.)

Portanto, o papa Francisco, nos indica a urgência em favorecer uma formação litúrgica à luz do Concílio Vaticano II e a participação de todos os fiéis. Assim, também, expressa a *Sacrosanctum Concilium* “é desejo ardente na mãe Igreja que todos os fiéis cheguem à plena consciência e ativa participação nas celebrações litúrgicas que a própria natureza da Liturgia exige” (SC, n. 14).

3 FORMAÇÃO LITÚRGICA MISTAGÓGICA

“A formação é permanente e continuada, pois o ser humano não é totalmente pronto e acabado. Por isso, Francisco nos chama a redescobrir, a cada dia, a beleza da celebração cristã” (DD, n. 21). Assim sendo, a formação litúrgica deve primar à educação integral dos fiéis, especialmente, na vida espiritual e no Espírito santo. Além disso, cada pessoa deve despertar o senso de pertença à comunidade eclesial que se forma assembleia de culto. Outro aspecto da formação são os sacramentos, principalmente a Eucaristia, neles estão a Graça de Deus que se realiza por meio deles.

Sobre formação litúrgica abordamos nos tópicos acima, agora buscaremos nortear o tema da formação litúrgica com o termo “mistagogia”, ou melhor, “mistagógica”. O termo “mistagogia” deriva-se do grego e composto de duas partes: ‘mist’ (mistério) e ‘agogia’ (conduzir, guiar). Dessa maneira pode-se traduzir mistagogia como: ação de conduzir para dentro do mistério. Segundo Costa (2003, p.66) “etimologicamente possui o sentido de ser conduzido para o interior dos mistérios [...] Na antiguidade cristã, o termo designa, sobretudo, a explicação teológica e simbólica dos ritos litúrgicos da iniciação, em particular do Batismo e da Eucaristia”.

Na Liturgia o próprio Cristo é o mistagogo, visto que Ele mesmo nos conduz ao seu Mistério. Com o intuito de que a Liturgia possua esse viés tão caro aos Padres da Igreja, é

necessária uma boa formação, não a partir de um esquema fechado, mas sempre aberto.

Afirma Martín:

A mistagogia ocorre não a partir de uma experiência meramente antropológica, ou a partir de uma ‘pedagogia’ genérica da fé, mas a partir da *sinergia* divina ou comunicação interior de Deus ao homem por meio da eucaristia e dos demais sacramentos. Através da Liturgia, o Espírito Santo transmite ao homem uma ‘experiência’ viva e distinta (Martín, 2022, p. 483).

Temos que realizar uma formação com características mistagógicas, que nos ajude a “redescobrir, custodiar e viver a verdade e a força da celebração cristã” (DD, n. 16)”. Nessa perspectiva da formação, o Papa Bento XVI, na exortação pós-sinodal “*Sacramentum Caritatis*” (SaC, n. 64), nos ajudará nesta área da formação litúrgica mistagógica:

Com efeito, por sua natureza a liturgia possui uma eficácia pedagógica própria para introduzir os fiéis no conhecimento do mistério celebrado. Por isso mesmo, na tradição mais antiga da Igreja, o caminho formativo do cristão — embora sem descurar a inteligência sistemática dos conteúdos da fé — assumia sempre um carácter de experiência, em que era determinante o encontro vivo e persuasivo com Cristo anunciado por autênticas testemunhas.

Destarte, quem introduz nos mistérios é em primeiro lugar a testemunha; segundo, após este encontro mergulha na catequese e depois encontra a sua fonte e ápice na celebração eucarística. O caminho mistagógico tem por finalidade de mostrar como mistério de Deus se faz presente na ação litúrgica e como podemos experimentá-lo. A formação revela-nos como a realidade salvífica transcende os limites do tempo e do espaço e alcança a comunidade eclesial em todas as épocas.

Segundo Ediana (2022, p. 33) “quando se fala de formação mistagógica, compreende-se um processo permanente de catequese que não se detém apenas num tempo determinado, mas indeterminado cotidiano das celebrações litúrgicas.” Os ritos, gestos e símbolos nos educam ao Mistério, por eles conhecemos os significados dos sacramentos que contêm a nossa salvação.

O santo padre, Papa Francisco, indica a dimensão mistagógica da liturgia e a relação de linguagem simbólica do corpo “A liturgia não nos deixa sozinhos na busca de um presumido conhecimento do mistério de Deus, mas nos leva pela mão, juntos, como uma assembleia, para nos conduzir ao mistério que a Palavra e os sinais sacramentais nos revelam” (DD, n.19). Para Guardini (2023, p. 58), “o ser humano por inteiro se incumbe do agir

litúrgico”, formar-se pela liturgia envolve a unidade do corpo e alma, do exterior e interior. A vivência espiritual da fé está ligada a uma verdadeira vivência da Liturgia, pois nela celebramos os Mistérios da Vida do Senhor e o efeito sacramental está na Páscoa o centro de cada sacramento e age diretamente na vida de quem os recebem.

A mistagogia nasce dentro da Liturgia como um caminho ou meio para uma melhor vivência da fé, por isso, a mistagogia pode também ser chamada de pedagoga, pois ela educa os fiéis por meio de cada celebração contida no ano litúrgico e em cada sacramento. Recordemos que a espiritualidade que é gerada na Liturgia tem sua fonte na celebração da Páscoa e dos mistérios da vida de Jesus Cristo e consequentemente, nos sacramentos. A mistagogia de maneira catequética vai nos formando e conduzindo ao centro do mistério (Davi, 2023).

Diante do exposto, a formação litúrgica mistagógica é uma via sensata para a vivência participativa e ativa na Liturgia. Pois quando formados pela Liturgia e para a Liturgia, somos moldados pelo e para o Senhor, quanto a nós cabe abertura à sua voz quando Ele nos chama a comunhão através da Liturgia e do seu corpo: a Igreja.

3.1 Da formação litúrgica à “*ars celebrandi*”

O Papa Francisco após discorrer sobre a necessidade vital de uma sólida formação litúrgica dedica os n. 48 – 60 sobre a temática de “*ars celebrandi*”, isto é, da arte de celebrar. Ao lado da formação litúrgica, a autêntica arte da celebração está a serviço do Mistério Pascal e da participação de todos fiéis, cada um segundo o seu ministério e sua vocação. Devemos reconhecer que, além disso, é evidente que o Espírito Santo age de vários modos em cada celebração, ou seja, a arte de celebrar deve estar em sintonia como a ação do Espírito.

A arte de celebrar requer conhecimento, preparo e não se pode improvisar. Para bem celebrar precisa se atentar as formas de linguagem que a Liturgia propõe: palavra e canto, silêncio, gestos, postura corporal, tempo litúrgico, cores litúrgicas expressa nos paramentos, rito e rubricas. No entanto a *ars celebrandi* não poder ser entendida simplesmente como cumprir normas litúrgicas, e muito menos ser fantasiosa criatividade selvagem (DD, n. 48).

Durante a XI Assembleia Geral Ordinária do Sínodo dos Bispos, 2 a 23 de outubro de 2005, por diversas vezes foi abordada a importância de superar toda e qualquer separação da arte da celebração e a participação plena, ativa e frutuosa, como já tratada na *Sacrosanctum Concilium* (SC,n. 7). Assim expressa Papa Bento XVI:

Com efeito, o primeiro modo de favorecer a participação do povo de Deus no rito sagrado é a condigna celebração do mesmo; a arte da celebração é a melhor condição para a participação ativa (*actuosa participatio*). Aquela resulta da fiel obediência às normas litúrgicas na sua integridade, pois é precisamente este modo de celebrar que, há dois mil anos, garante a vida de fé de todos os crentes, chamados a viver a celebração enquanto povo de Deus, sacerdócio real, nação santa. (SaC, n. 38).

É na celebração onde, por meio do memorial que o Mistério Pascal de Cristo se torna presente afim de que os batizados, através de sua participação, possam experimentá-lo em suas vidas: sem essa compreensão pode-se cair facilmente no exteriorismo e no rubricismo, rígido ou faltoso. (DD, n. 49). O modo de celebrar a liturgia já passou por várias reformas no rito, cantos e formas, mas o Espírito é o mesmo que age em cada celebração. A *ars celebrandi* precisa estar em consonância com a ação do Espírito Santo, pois, dessa forma, estará livre dos subjetivismos, que é fruto do individualismo e da má compressão de inculturação.

Nesse seguimento, sabemos que o Espírito age na pessoa do presidente – o ministro ordenado, porém, em cada batizado o Espírito impulsiona o viver a arte de celebrar. Nessa lógica o Papa Francisco afirma: “Penso em todos os gestos e palavras que pertencem à assembleia: o reunir-se, o avançar em procissão, o estar sentados, de pé, de joelhos, o cantar, o estar em silêncio, o aclamar, o olhar, o ouvir” (DD, n. 51). A participação de toda assembleia mostra a força e a beleza da liturgia na capacidade de educar cada batizado a descobrir a união da própria personalidade, sem atitudes individualistas, mas na convicção de ser o Corpo místico de Cristo, a Igreja.

A verdadeira formação litúrgica ajuda na arte de celebrar, por isso, não se deve improvisar a vivência da celebração, isto é, fazer de qualquer modo. A arte de celebrar não é somente fazer um curso de oratória, para ajudar na pregação ou de elementos de comunicação – isto ajuda, mas não é o elementar. A natureza da própria Liturgia e o Espírito Santo têm em si elementos que a própria celebração transmite sua arte. No entanto, não se pode deixar de preparar a celebração como assegura a *Desiderio Desideravi*, 23

Deve-se cuidar de todos os aspectos da Celebração (espaço, tempo, gestos, palavras, objetos, vestimentas, cantos, música) e cada rubrica deve ser observada: essa atenção seria suficiente para não furtar a assembleia do que lhe é devido, isto é, o Mistério pascal celebrado na modalidade ritual que a Igreja estabelece.

Um dos grandes progressos dos ensinamentos do Concílio Vaticano II e que norteou todo o processo da reforma e renovação dos livros litúrgicos, foi o resgate do pertinente papel

da assembleia Litúrgica. (Silva; Marques; Arnoso; Paro, 2023). Podemos reiterar que o Vaticano II devolveu a comunidade reunida para a ação de graças o caráter comunitário do Culto Eucarístico.

Entre orações, gestos, palavras e cantos, a arte de celebrar também contempla o silêncio sagrado e orante que leva a adentrar nos mistérios celebrados. Nas rubricas está prescrito, em alguns momentos, por exemplo: “imposição das mãos em silêncio (rito de ordenações e unção dos Enfermos); silêncio após o convite à oração – rito da Penitência e depois das leituras, durante a Liturgia da Palavra (Silva; Marques; Arnoso; Paro, 2023)

Conforme a Instrução Geral do Missal Romano (IGMR, n.45), o silêncio na liturgia, restaurado pelo Concílio Vaticano II, pertence ao presidente e ao povo de Deus igualmente, e, sendo parte da celebração. Além do mais, o silêncio litúrgico simboliza a presença e ação do Espírito Santo que anima toda ação ritual. (DD, n. 52).

A arte de celebrar nos ajuda a rezar diante de Deus com a comunidade, mas do seu modo. Não com rubricismo acentuado, artificial ou com criatividade selvagem, assim os ministros ordenados devem zelar por uma autêntica *ars celebrandi* a partir da formação litúrgica de seus fieis, por meio de encontros formativos e celebrativos – formação para e pela Liturgia.

CONCLUSÃO

Nossa reflexão não teve por finalidade esgotar o vasto tesouro da Celebração do Mistério Pascal de Cristo, mas de assegurar uma verdadeira contribuição sobre formação litúrgica a todos os participantes da Sagrada Liturgia – bispos, padres, diáconos religiosos, leigos e leigas. Assim, reforçamos o desejo do Papa Francisco que todo povo santo de Deus recorra ao que sempre foi a fonte primária da espiritualidade cristã, a liturgia. (DD, n. 61). Olhando para o futuro, podemos perceber desafios na vivência de uma liturgia mais simples, com sobriedade e marcada pelo encontro com o Ressuscitado.

Como abordamos em nosso trabalho, o Concílio Vaticano II deu grandes colaborações para os estudos teológicos e reanimou a teologia litúrgica. O que era somente um cumprimento de regras e uma participação engessada, floresceu novamente, com ensino dos Padres da Igreja e do Magistério, como matéria teológica que ajuda a Igreja presente. Assim, a *Desiderio Desideravi* manifesta o desejo antigo da Igreja, ainda em aceitação, que a participação de modo integral de todos os fiéis na celebração da liturgia.

Para a problemática da falta de conhecimento do símbolo, gerado pelo individualismo e subjetivismo, a carta apostólica nos oferece como a liturgia remédio, antídoto e prevenção contra o mundanismo. Nesse sentido, reforçamos a importância da formação litúrgica pela e para a liturgia, pois o estudo e o conhecimento favorece o encanto pela beleza da liturgia e conquista o coração de cada fiel pela beleza e verdade que celebramos. A formação litúrgica, portanto, é o caminho de libertação contra o mundanismo espiritual presente no mundo (DD, n.17).

A liturgia é o ponto de encontro da *ekklesia*, isto é, da comunidade cristã para o louvor e ação de graças. Dessa maneira, a carta do Papa Francisco pede que a liturgia seja um local de encontro com o Senhor, diálogo, de misericórdia e fundamento da ação evangelizadora.

Além do mais, o Pontífice estima aguçar o nosso assombro pela beleza da *ars celebrandi*. Assegura que é pela educação litúrgica que cada cristão pode compreender e amar mais o culto divino. Em acordo com o ser pontificado, chama os filhos da Igreja a viver uma liturgia mais sobre e simples, porém, bela e digna cheia de significados. Além disto, é pela presença ritual que Deus se autocomunica aos fiéis, gerando o encontro e o diálogo que fazem brotar a misericórdia. Portanto, o nosso trabalho, baseado na *Desiderio Desideravi*, ratifica a importância de uma formação litúrgica séria e vital para todos, pois, assim poderemos de fato compreender e viver o verdadeiro sentido da liturgia: a celebração do Mistério de Cristo (DD, n.64).

REFERÊNCIAS

ARNOSO, Rodrigo; MARQUES, Felipe; PARO, Thiago Faccini; PEREIRA, Jerônimo. **Formação Mistagógica da Celebração Eucarística**: a partir da 3ª Edição Típica do Missal Romano. Brasília: Edições CNBB, 2023.

ASLI. ASLI - Associação dos Liturgistas do Brasil. Disponível em: <<https://www.asli.com.br/artigos/a-pedagogia-mistagogica-do-ano-liturgico>>. Acesso em: 11 out. 2024.

Bento XVI. **Sacramentum caritatis**: sobre a eucaristia fonte e ápice da vida e da missão da igreja. São Paulo: Paulinas, 2007, v. 190. 142 p.

BÍBLIA de Jerusalém. Nova ed. rev. e ampl. 2. impr. São Paulo: Paulus, 2003.

CATECISMO DA IGREJA CATÓLICA. Petrópolis: Vozes; São Paulo: Paulinas, Loyola, Ave-Maria, 1993.

CONCILIO VATICANO II. Constituição *Sacrosanctum Concilium*. Sobre a sagrada liturgia. In: VIER,

COSTA, Rosemary Fernandes da. *Mistagogia Hoje. O resgate da experiência mistagógica dos séculos III e IV como contribuição para a evangelização atual*. Dissertação (Mestrado em Teologia.) Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, em Teologia Sistemático-pastoral. Rio de Janeiro, 2003. p. 66. Disponível em: <<http://www.puc-rio.br>>. Acesso em 07 de setembro de 2024.

FRANCISCO, PP. **Carta Apostólica *Deisderio Desideravi***. Sobre a formação litúrgica do povo de Deus. São Paulo: Paulus, 2022.

GUARDINI, Romano. *Formação litúrgica*. Curitiba: Carpintaria, 2023.

LEÃO MAGNO, São (Papa Leão I). **Sermões**. São Paulo: Paulus, 2005, 213 p.

MARTÍN, Julián López. *A liturgia da Igreja. Teologia, história, espiritualidade e pastoral*. Petrópolis – RJ: Vozes, 2022.

PACELLI, Eugenio Maria Giuseppe Giovanni (Papa Pio XII). **Mediator dei**. Tipografia Beneditina, 1948, 126 p.

REDAÇÃO RÁDIO VATICANO. Disponível em: <https://noticias.cancaonova.com/especiais/pontificado/francisco/reforma-liturgica-e-irreversivel-afirma-papa-francisco/>. Acesso em: 27. nov, 2024.

RIVA, Samuele Ugo. **Viver a Liturgia na Paróquia**: Cadernos do Concílio – 8. Brasília: Edições CNBB, 2023.

Roberto Belarmino. *De Missa*, I. cap. 27.

RODRIGUES, José Ribamar Ribeiro. Mistério pascal de Cristo: salvação operada na liturgia e na vida. **Revista Eletrônica Espaço Teológico.**, v. 11, n. 19, p. 151-159, 2017.

SOARES, Ediana de Souza. Participação na liturgia como caminho performativo no processo de iniciação cristã, **Annales Faje**, [S. l.], v. 7, n. 1, p. 33–43, 2022. Disponível em: <https://www.faje.edu.br/periodicos/index.php/annales/article/view/5222>. Acesso em: 10 set. 2024.